



NOME:

DATA: / / 2026

TRABALHO DE
RECUPERAÇÃO -
1º TRIMESTRE

TURMA: ÔNIX

DISCIPLINA: PORTUGUÊS

PROFESSORA: ANNE CAMPOS

NOTA:

ASSINATURA DOS PAIS E/ OU
RESPONSÁVEIS:

VALOR:

ROTEIRO DE ESTUDOS

- Leitura e interpretação de diferentes textos.
- Modificadores do sujeito e do verbo.
- Verbo: seus complementos e regência.
- Formação de palavras derivadas.
- Pontuação: vírgula, aspas e travessão.

Leia o texto e responda às questões de 01 a 06.

Redes sociais não são para-brisas, são retrovisores

(Tiago Belotte)

Se quisermos enxergar o futuro e a transformação, precisamos entender que as redes sociais só nos mostram o que fomos e gostamos no passado. Por diversas vezes a gente conversa aqui sobre o universo digital e reflete junto sobre suas possibilidades e perigos. Quando nós fazemos isso, estamos investidos na nossa alfabetização digital, tema que também já mencionei aqui algumas vezes. A tecnologia entra, cada vez mais, em cada pedacinho da nossa vida. No nosso sono, na nossa alimentação, no lazer, no estudo, no trabalho eu nem preciso falar. Não é?

E nós abraçamos cada novidade, pois amamos inovação e tecnologia – os brasileiros mais do que todo o resto do mundo, segundo alguns estudos. Já faz tempo que encaramos inovações tecnológicas como janelas para o futuro. No entanto, é preciso saber quando elas também são portais para o passado.

As redes sociais, por exemplo, por mais que acreditemos que elas nos conectam com o mundo, a verdade é que elas só nos ligam ao que já conhecemos ou gostamos. Como um retrovisor colocado a nossa frente para se passar por para-brisa. Estamos olhando para frente, mas só vemos o que está atrás.

Só aparece na sua *timeline* de rede social aquilo que já faz parte do seu comportamento, dos seus gostos e das suas preferências. O que você já curtiu, comentou ou compartilhou antes. E qual o perigo disso? Acredito que são principalmente dois. O primeiro é que, ao ver apenas o conhecido e curtido, você não é confrontado pelo diferente, pelo novo, pela mudança. Se as redes acabaram virando o nosso principal veículo de informação no nosso dia a dia, isso se torna perigoso, pois acaba nos fechando numa bolha. Quantas vezes você já disse ou ouviu alguém dizer “nossa, todo mundo está na praia neste feriado” ou “tá todo mundo defendendo tal causa social”.

Quando, de fato, o “todo mundo” é só quem faz parte do meu *feed*. Veja bem, nem é todo mundo que eu sigo, é só quem é escolhido pelo algoritmo para aparecer para mim. E quem é escolhido? Quem mais combina com as minhas preferências passadas.

O segundo perigo é praticamente uma consequência do primeiro. Ao nos fecharmos na nossa bolha, nos tornamos menos tolerantes ao diferente e nos tornamos impermeáveis ao que é contrário ao nosso jeito de ser e pensar. No entanto, é exatamente o contraditório que gera confronto de ideias. E é do confronto de ideias que nasce o novo, é a partir da exposição ao diferente que alargamos nossos horizontes. Aí está nosso para-brisa real.

Precisamos estar atentos e conscientes, aumentando nossa fluência digital, nos tornando críticos ao que consumimos e para onde o uso da tecnologia, da forma que usamos, está nos levando.

Nos últimos dias, uma investigação, divulgada em uma série de notícias do Wall Street Journal, revela que o Facebook — a rede social mais popular no Brasil — desde 2018 sabia que uma mudança feita em seu algoritmo fazia mal à saúde mental de jovens e que também potencializava o alcance e o compartilhamento de conteúdos tóxicos, violentos e de desinformação.

Por isso, o papel de guardiões do nosso próprio futuro, do horizonte que enxergamos através do para-brisa, não é das redes sociais, é nosso. A tecnologia precisa estar a favor do nosso bem-estar e do futuro que queremos, do interesse coletivo e não apenas de alguns.

É possível falar em democracia digital? Sim, mas apenas se nós estivermos fazendo a nossa parte, como verdadeiros cidadãos digitais, cientes dos nossos deveres e direitos, entendendo os mecanismos e fazendo escolhas melhores.

Disponível em: <https://vidasimples.co/colunistas/redes-sociais-nao-sao-para-brisas-sao-retrovisores/>. Acesso em: 01 jul. 2026. Adaptado.

QUESTÃO 01. Ao longo do texto, o autor constrói uma analogia utilizando elementos de um automóvel (para-brisa e retrovisor). Com base nas ideias defendidas por ele, explique por que as redes sociais agem como retrovisores e não como para-brisas.

QUESTÃO 02. De acordo com o autor, quais são os dois principais perigos de utilizarmos as redes sociais de forma acrítica? Cite e explique os dois motivos apresentados no texto.

QUESTÃO 03. No penúltimo parágrafo, o autor utiliza a expressão “guardiões do nosso próprio futuro”. Qual comportamento o autor espera dos usuários ao empregar essa metáfora?

QUESTÃO 04. Segundo o texto, o que é necessário para que possamos falar, de fato, em uma “democracia digital”?

QUESTÃO 05. Releia o trecho:

Quantas vezes você já disse ou ouviu alguém dizer “nossa, todo mundo está na praia neste feriado” ou “tá todo mundo defendendo tal causa social”.

Explique a função das aspas nesse trecho e de que maneira as frases isoladas por elas ajudam a comprovar o argumento do autor sobre as “bolhas” das redes sociais.

Questão 06. Releia com atenção o seguinte período:

“Nos últimos dias, uma investigação, divulgada em uma série de notícias do Wall Street Journal, revela que o Facebook — a rede social mais popular no Brasil — desde 2018 sabia que uma mudança feita em seu algoritmo fazia mal à saúde mental de jovens...”

a) A norma-padrão proíbe a separação de sujeito e verbo por vírgula, exceto quando há termos intercalados. Identifique a informação que foi intercalada por vírgulas entre o sujeito e o verbo.

b) Reescreva o período acima retirando todos os elementos que estão intercalados (tanto os isolados por vírgulas quanto os isolados por travessões).

c) Qual é a principal diferença de sentido ou de efeito de leitura que ocorre após a retirada desses termos?

Leia o texto abaixo e responda às questões de 07 a 12.

O gosto na era do algoritmo

As sugestões de plataformas como Netflix e Spotify elevam o risco de homogeneização da identidade

Às segundas-feiras pela manhã, os usuários do Spotify recebem uma lista personalizada de músicas que lhes permite descobrir novidades. Assim como os sistemas de recomendação da Amazon, Google, eBay e Facebook, este cérebro artificial consegue traçar um retrato automatizado do gosto de seus assinantes e constrói uma máquina de sugestões que não costuma falhar. O sistema se baseia em um algoritmo cuja evolução e usos aplicados ao consumo cultural são infinitos. De fato, plataformas de *streaming* cinematográfico como a Netflix começam a desenhar suas séries de sucesso como *House of Cards* rastreando o *big data* gerado por todos os movimentos dos usuários para analisar o que os satisfaz. O algoritmo constrói assim um universo cultural adequado e complacente com o gosto do consumidor, que pode avançar até chegar sempre a lugares reconhecíveis. Mas o que aconteceria se a vida nos desse sempre o que gostamos e nos rodeasse apenas das pessoas que nos fazem sentir bem?

Como afirmou Pierre Bourdieu em 1979 em *A distinção* (Editora Zouk, 2011), o gosto foi durante anos o grande elemento de diferenciação social. Segundo sua teoria, esse elemento nos permite julgar os demais e, ao mesmo tempo, ser julgados. Confere a possibilidade de nos distinguir, nos classificar e, inevitavelmente, que nos classifiquem também. Coloca em nós um rótulo, inclusive dentro de um mesmo círculo: não pensaremos o mesmo de alguém que sai de um concerto da Quarta sinfonia de Shostakovitch que de outro que entra em um auditório onde se interpreta *O Danúbio azul*, de Strauss. O mesmo vale para fã de Enrique Iglesias e outro de Neil Young. Uma redução, em suma, semelhante à que faz o algoritmo para nos reconhecer: prejudicar uma identidade — neste caso, social e econômica — baseando-se em determinados elementos culturais associados e que nos diferenciam de forma sistemática para, de novo, atribuir a eles mais camadas de diferenciação.

A questão é se os limites impostos na aprendizagem pelos sistemas fechados de computação são equiparáveis aos erros que cometemos durante anos formando nosso próprio gosto. Eloy Fernández Porta, autor de *Emociónese así* (editora Anagrama), não vê grande diferença. Segundo o escritor, antes do Spotify e fora dele o gosto já vinha determinado por critérios de acesso, aceitação, atualidade e distinção. “Sempre vivemos a música em um algoritmo, o que acontece é que em vez de chamá-lo de *matemática* o chamamos de *espontaneidade*. O algoritmo do Spotify não me parece menos confiável do que a fórmula caótica que cada ouvinte inventou. Nem menos humana: quando fazemos analogias erradas ou nos empenhamos em recomendar o primeiro disco de Vincent Gallo, nossas sinapses estão dando os mesmos maus passos”, afirma.

Uma possível diferença, no entanto, estaria no princípio de boa-fé ou na manipulação. Filtrar a informação em redes como Facebook ou em buscas no Google pode configurar nossa maneira de pensar.

E esse é o problema principal, destaca a artista e pesquisadora em questões de crítica tecnológica Joana Moll: a ilusão de liberdade de escolha que muitas vezes é gerada pelos algoritmos. “Você age com base no que é apresentado a você, no que vê. Esse é seu mundo. Mas na realidade ele determina um padrão de consumo que o levará a determinados lugares. O algoritmo filtra uma representação de mundo, e isso é aplicável a qualquer plataforma”, afirma.

VERDÚ, Daniel. O gosto na era do algoritmo. Disponível em: <https://brasil.elpais.com>. Acesso em: 01 jul. 2026 (adaptado).

QUESTÃO 07. Observe o trecho a seguir:

“Às segundas-feiras pela manhã, os usuários do Spotify recebem uma lista personalizada...”

Classifique sintaticamente a expressão destacada em negrito. Em seguida, explique qual circunstância ela acrescenta ao verbo da oração.

QUESTÃO 08. Segundo o texto, qual das alternativas apresenta corretamente a teoria defendida por Pierre Bourdieu sobre o conceito de “gosto”?

- a) O gosto é uma característica exclusivamente individual, formada sem qualquer influência do meio social.
- b) O gosto funciona como um elemento de diferenciação social, permitindo que as pessoas sejam classificadas e também classifiquem os outros.
- c) O gosto depende apenas das recomendações feitas pelos algoritmos das plataformas digitais.
- d) O gosto é determinado unicamente pelo poder aquisitivo, sem relação com aspectos culturais.

QUESTÃO 09. Ao relacionar a teoria de Pierre Bourdieu ao funcionamento dos algoritmos das plataformas digitais, o autor pretende mostrar que

- a) os algoritmos conseguem eliminar completamente as diferenças sociais entre os usuários.
- b) os algoritmos analisam apenas as preferências musicais dos usuários, sem influenciar suas escolhas futuras.
- c) os algoritmos utilizam informações sobre os gostos dos usuários para classificá-los e oferecer conteúdos semelhantes, reforçando determinados padrões de consumo e de identidade.
- d) os algoritmos são capazes de prever com exatidão todas as decisões que uma pessoa tomará ao longo da vida.

QUESTÃO 10. O que significa, com base no texto, afirmar que o algoritmo configura e molda o nosso modo de pensar?

QUESTÃO 11. Na língua portuguesa, os complementos verbais (objetos diretos e indiretos) completam o sentido de verbos transitivos. Transcreva o complemento verbal de cada uma das orações abaixo:

- a) O algoritmo constrói um universo cultural adequado e complacente com o gosto do consumidor.

- b) O algoritmo filtra uma representação de mundo.

- c) Este cérebro artificial consegue traçar um retrato automatizado do gosto de seus assinantes.

QUESTÃO 12. Analise as palavras abaixo, retiradas do texto, e indique o seu processo de formação.

- a) Inevitavelmente: _____

- b) Prejulgar: _____

- c) Espontaneidade: _____

- d) Reconhecer: _____

- e) Diferenciação: _____

QUESTÃO 13.



A crítica presente na charge refere-se ao fato de que

- a) a internet democratiza o acesso à informação, garantindo que todos os usuários recebam conteúdos diversos, independentemente de suas preferências.
- b) o uso de redes sociais estimula o pensamento crítico, pois expõe o indivíduo a visões de mundo divergentes e contrárias às suas opiniões.
- c) as plataformas digitais moldam e direcionam o comportamento do usuário, curando o conteúdo que lhes é apresentado de forma automatizada.
- d) as ferramentas de busca funcionam como assistentes pessoais infalíveis.